



PORTUGUESE

8672/04

9718/04

Paper 4 Texts

May/June 2008

2 hours 30 minutes

Additional Materials: Answer Booklet/Paper



READ THESE INSTRUCTIONS FIRST

If you have been given an Answer Booklet, follow the instructions on the front cover of the Booklet.
Write your Centre number, candidate number and name on all the work you hand in.
Write in dark blue or black pen.
Do not use staples, paper clips, highlighters, glue or correction fluid.

Answer any **three** questions, each on a different text. You must choose **one** from **Section 1**, **one** from **Section 2** and **one other**.

Write your answers in **Portuguese**.

You should write between 500 and 600 words for each answer.

Dictionaries are **not** permitted.

You may take unannotated set texts into the examination.

At the end of the examination, fasten all your work securely together.

All questions in this paper carry equal marks.

PRIMEIRO LEIA ESTAS INSTRUÇÕES

Se lhe tiverem dado um caderno de respostas, siga as instruções dadas na primeira página.

Escreva o número de Centro, o número de candidato e o seu nome em cada folha do trabalho que apresentar.

Escreva com uma caneta de tinta azul escura ou preta.

Não use grampos/agrafos, cliques/prende-papéis, cola, marcador fluorescente ou líquido correctivo.

Responda a **três** questões, cada uma sendo sobre um texto diferente. É necessário escolher **uma** questão da **Secção 1**, **uma** da **Secção 2** e **uma terceira**.

Escreva as suas respostas em **português**.

Deve escrever entre 500 e 600 palavras por resposta.

Não é permitido o uso de dicionários.

É permitido trazer textos não anotados para consulta durante o exame.

Ao fim do exame, junte todo o trabalho dum maneira segura.

Todas as respostas têm o mesmo número de valores.

This document consists of **5** printed pages and **3** blank pages.



1 ALEXANDRE HERCULANO, *Eurico o Presbítero***Ou (a)**

Porque não adormeço eu como o rude barqueiro ao murmúrio das vagas sonolentas, ao sussurro da brisa do norte?

Porque mulher bárbara não entendeu o que valia o amor de Eurico; porque velho orgulhoso e avaro sabia mais um nome de avós do que eu e porque nos seus cofres havia mais alguns punhados de ouro do que nos meus.

As mãos imbeles de uma donzela e de um velho esmagaram e despedaçaram o coração de um homem, como os caçadores covardes assassinaram no fojo o leão indomável e generoso.

E, todavia, este coração sentia a voz da consciência pregoar-lhes largos destinos! Porque não emudeceu essa voz quando do pórtico do templo lancei ao mundo a maldição da despedida?

Porque me lembra com saudade, aqui, a estas horas, o tempo das minhas esperanças?

É porque o viver é o éculeo do espírito: a alma estorce-se como agonizante no meio dos mais incomportáveis tormentos, sem nunca poder expirar, e os seus afectos profundos são como ela; não lhes é dado o morrer.

Paz e esquecimento, oh! meu Deus.

Do capítulo VI, 2

(i) O que atormenta Eurico, para que este não consiga adormecer?

(ii) Que donzela despedaçou o seu coração? Justifique.

Ou (b)

Será Hermengarda o retrato típico da mulher-anjo? Justifique.

2 CAMILO CASTELO BRANCO, *Amor de Perdição***Ou (a)**

O ferrador tinha uma filha, moça de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste. Notou Simão os reparos em que ela se demorava a contemplá-lo, e perguntou-lhe a causa daquele olhar melancólico com que ela o fitava. Mariana corou, abriu um sorriso triste, e respondeu:

- Não sei o que me adivinha o coração a respeito de vossa senhoria. Alguma desgraça está para lhe suceder...
- A menina não dizia isso – replicou Simão – sem saber alguma coisa da minha vida.
- Alguma coisa sei... tornou ela.
- Ouviu contar ao arrieiro?
- Não, senhor. É que meu pai conhece o senhor. E há bocadinho que eu ouvi estar meu pai a dizer a meu tio, que é o arrieiro que veio com vossa senhoria, que tinha as suas razões para saber que alguma desgraça lhe estava para acontecer...
- Porquê?
- Por amor duma fidalga de Viseu, que tem um primo em Castro Daire.

Simão espantou-se da publicidade do seu segredo, e ia colher pormenores do que ele julgava mistério entre as duas famílias, quando o mestre ferrador João da Cruz entrou no sobrado onde o precedente diálogo se passara. A moça, como ouvisse os passos do pai, saíra levemente por outra porta.

Do capítulo V

(i) Por que razão é que Mariana observava Simão?

(ii) Qual era o segredo de Simão?

Ou (b)

A morte é sinónimo de liberdade em *Amor de Perdição*? Desenvolva.

3 GRACILIANO RAMOS, *Vidas Secas***Ou (a)**

E Fabiano resistia, pedindo a Deus um milagre. Mas quando a fazenda se despovoou, viu que tudo estava perdido, combinou a viagem com a mulher, matou o bezerro morrinhento que possuíam, salgou a carne, largou-se com a família, sem se despedir do amo. Não poderia nunca liquidar aquela dívida exagerada. Só lhe restava jogar-se ao mundo, como um negro fugido. Saíram de madrugada. Sinhá Vitória meteu o braço pelo buraco da parede e fechou a porta da frente com a tamarela. Atravessaram o pátio, deixaram na escuridão o chiqueiro e o curral, vazios, de porteiras abertas, o carro de boi que apodrecia, os juazeiros. Ao passar junto às pedras onde os meninos atiravam cobras mortas, Sinhá Vitória lembrou-se da cachorra *Baleia*, chorou, mas estava invisível e ninguém percebeu o choro.

Desceram a ladeira, atravessaram o rio seco, tomaram rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, andaram bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos – os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió, a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. Caminharam bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse.

Fizeram alto. E Fabiano depôs no chão parte da carga, olhou o céu, as mãos em pala na testa. Arrastara-se até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. Retardara-se e repreendera os meninos que se adiantavam, aconselhara-os a poupar forças. A verdade é que não queria afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido. Podia continuar a viver num cemitério? Nada o prendia àquela terra dura, acharia um lugar menos seco para enterrar-se.

Do capítulo *Fuga*

- (i) Que milagre é que Fabiano queria que acontecesse?
- (ii) Por que razão é que neste excerto a terra é vista como “um cemitério”?

Ou (b)

Seria a fuga a única solução para a família de Fabiano? Justifique.

4 GERMANO de ALMEIDA, *O testamento do Sr. Nepumoceno da Silva Araújo***Ou (a)**

O que fez com que Carlos não herdasse todos os bens do seu tio? Dê detalhes.

Ou (b)

Comente como se transformou a imagem que todos tinham do Sr. Nepumoceno ao ser lido o seu testamento?

5 J. CABRAL de MELO NETO, *Morte e vida Severina***Ou (a)**

Examine a relação existente entre o Capibaribe e Severino nos dois poemas *O Rio e Morte e vida Severina*.

Ou (b)

Analise o poema *Dois Parlamentos*.

6 JOSÉ CARDOSO PIRES, *O Anjo Acorado***Ou (a)**

Concorda com a afirmação de que no romance *O Anjo Acorado* há um contraste da tradição com a modernidade? Justifique.

Ou (b)

A obra de José Cardoso Pires critica e desafia alguns mitos de identidade. Desenvolva.

